

RELATOS DAS OFICINAS PIBID: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS

QUENIA COIMBRA DA SILVA CARRILHO¹; **CAROLINA LEAL ANDRADE²**;
DJOVANA MIELKE NORNBURG³; **PATRÍCIA PEREIRA CAVA⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas – qcarrilho@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – carolandradi@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – djovana_nornberg@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – pcava@via-rs.net*

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2014, iniciou-se a construção do projeto interdisciplinar da E.M.E.F. Núcleo Habitacional Dunas, localizada na cidade de Pelotas-RS, envolvendo quatro diferentes cursos da Universidade Federal de Pelotas(UFPel), dança, educação física, pedagogia e matemática; supervisoras da escola e coordenadora do projeto. O projeto foi desenvolvido no interior do eixo transversal de formação didático-pedagógico geral: encontros semanais nas escolas, para estudos e planejamento do projeto interdisciplinar, implantação, avaliação, registro e sistematização das ações. Inicialmente houve a necessidade de fazermos um diagnóstico da realidade escolar, o objetivo deste diagnóstico era conhecer as necessidades da escola e dos alunos, perceber o que eles gostariam que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência(PIBID) pudesse contribuir para suas aprendizagens.

A partir do diagnóstico foi montado um projeto interdisciplinar que teve como objetivo desenvolver oficinas com as crianças ao longo do segundo semestre de 2015 e primeiro semestre do ano de 2016. O cronograma do projeto previa o desenvolvimento de oficinas em duas terças-feiras do mês e nas outras duas terças-feiras avaliação e planejamento. No primeiro semestre de 2016 foram previstas quatro oficinas com cada grupo (crianças da pré-escola e do primeiro ano e crianças e adolescentes do quarto ano), sendo no total previstas dezenas de oficinas na escola.

O PIBID objetiva auxiliar no que se refere à questão de superar a fragmentação existente no currículo das escolas. Buscando essa finalidade, os eixos temáticos norteadores elegidos para o desenvolvimento das oficinas foram: Arte e Cultura; Corpo e Movimento. Cada eixo temático foi composto por duas oficinas. Pensar interdisciplinarmente é um desafio constante, conforme THIESEN (2008, p. 547):

O que se pode afirmar no campo conceitual é que a interdisciplinaridade será sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizadora (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo. Independente da definição que cada autor assuma, a interdisciplinaridade está sempre situada no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e onde simultaneamente se exprime a resistência sobre um saber parcelado.

Sendo assim, durante a idealização do modelo de oficina e ao longo de seus planejamentos práticos os bolsistas se empenharam em promover um diálogo interdisciplinar entre as áreas constituintes do grupo.

2. METODOLOGIA

Cada grupo de bolsistas planejou quatro oficinas, o planejamento era feito de forma intercalada, em uma terça-feira planejávamos e avaliamos as oficinas e na outra aplicávamos. As oficinas foram desenvolvidas com uma turma de pré, uma turma de primeiro ano e dois quartos anos.

Para o relato deste trabalho foram selecionadas duas oficinas de arte e cultura (Oficina Um e Oficina Dois – desenvolvida com quarto ano), e duas de corpo e movimento (Oficina Três e Oficina Quatro – desenvolvida com primeiro ano), do total das dezesseis oficinas realizadas na escola.

Nas oficinas com o tema arte e cultura foram desenvolvidas atividades acerca da cultura do graffiti, explorando a criatividade dos alunos através do desenho e da técnica. Por meio desta prática se criou um espaço no qual os alunos puderam refletir acerca de seus desejos.

No que diz respeito ao tema corpo e movimento, as oficinas foram realizadas em torno da cultura das brincadeiras. Buscando, principalmente, resgatar brincadeiras cantadas e de rodas.

A última etapa das oficinas consistiu em sua avaliação, que era realizada em dois momentos. Primeiro ela acontecia no final das oficinas, junto com os alunos, onde fazíamos uma conversa sobre suas aprendizagens, o que eles gostariam que mudasse nas oficinas e sugestões para as próximas; depois nas reuniões de planejamento os bolsistas realizavam uma avaliação acerca da escolha do tema, desenvolvimento do planejamento e envolvimento dos alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Arte e Cultura o objetivo era propor atividades de ações estéticas: dança; manifestações culturais e ações de leitura de histórias literárias trabalhando questões étnicas. Para isso, na Oficina Um foi realizada a leitura da obra “As tranças de Bintou” de Sylviane Diouf, durante a leitura um aluno ria da colega, pois o livro fala sobre o cabelo da personagem, a qual tem birotes. O menino comparava o cabelo da personagem com o de sua colega, de forma preconceituosa, ele debochava dizendo que seu cabelo era ruim. O que possibilita refletir sobre o reconhecimento da própria etnia desse menino, pois, como ele, a maioria dos alunos da sala é de origem afro descendente. De acordo com GOMES (2003) na escola os alunos têm dificuldade de aceitarem-se pertencentes a um grupo social ou criarem uma identidade própria, pois a identidade pode ser instável, em um momento ela pode ser atraente, e, em outro, ser descartada. Desde cedo a nossa sociedade diz e ensina para o negro que para ser aceito ele precisa negar-se a si mesmo.

A intenção da leitura desse texto era discutir sobre desejos, pois a personagem do livro tem o desejo de ter tranças, então propusemos aos alunos uma atividade onde eles teriam que escrever seus desejos e pôr em uma caixa, quando iniciamos a leitura dos desejos nos surpreendemos, pois acreditávamos que os alunos iriam desejar coisas materiais como, por exemplo, um celular; computador, etc. Mas constatamos que estávamos enganadas, os desejos dos alunos eram: ter uma casa, que o pai não morresse, que a cirurgia da avó desse certo, que o pai voltasse a morar em casa, que o pai fosse solto do presídio.

Houve um menino que pediu uma bola, pensávamos ser algo tão corriqueiro e simples, o qual não fosse um desejo, e esta situação nos fez repensar muitas coisas, em relação a valores, desigualdade e forma como olhamos o outro. Segundo MARTINS (1996, p. 21) é necessário o exercício de um “olhar que pensa, reflete,

interpreta, avalia". Portanto, um olhar atento ao outro e seus anseios, buscando compreender as crianças e suas formas de pensarem.

Na Oficina Dois a proposta foi fazer com que os alunos através do *graffitte* expressassem seus desejos. Para tal, organizamos painéis de papel pardo, expostos nas paredes da sala de aula. Dividimos os alunos em pequenos grupos e distribuímos diversos materiais, como canetinhas, lápis de cor e tinta *spray*.

Percebemos a dificuldade dos alunos em registrarem seus sonhos através da arte, pois eles não expressaram seus desejos, desenharam coisas que eles diziam ter facilidade, como casas, bolas, flores e os seus nomes. Percebemos que os alunos têm dificuldade em entender o abstrato, em retratar seus sentimentos, afinal sentimentos não são palpáveis e eles têm incertezas sobre como transpor algo que está no campo imaginativo, sendo as formas concretas algo mais seguro para os mesmos desenharem.

O grupo no qual desenvolvemos as oficinas Um e Dois, se mostrou resistente no início da atividade, eles diziam não saber, tinham vergonha, preocupavam-se com as opiniões dos colegas, diziam: "se ficar feio, os colegas vão rir". Ao final da oficina, durante a avaliação, os alunos questionaram o número de tintas *spray* disponíveis, e a falta de variedade de cores, relatando que as imagens dos *graffitis* do bairro eram bem coloridas, e também nos propuseram que fizéssemos nos muros da escola, pois de acordo com a experiência que eles têm do bairro, os *graffitis* são feitos em muros.

No que diz respeito à temática corpo e movimento a proposta do projeto era realizar ações de consciência corporal, que envolvessem atividades de equilíbrio; noções de espaço; lateralidade; entre outras possibilidades. Nas oficinas Três e Quatro inicialmente não tínhamos a ideia de compor um planejamento voltado para as brincadeiras cantadas e de roda, essa percepção veio ao fim da realização das atividades com as crianças. Nossa plano inicial era composto de doze brincadeiras, sendo cinco cantadas ou de roda.

Ao aplicarmos o plano percebemos que algumas brincadeiras previstas não poderiam ser realizadas, seja por fatores como tempo, clima ou comportamento das crianças. Então alteramos a ordem de atividades propostas e também acrescentamos e retiramos brincadeiras. Por fim, ficamos com quatorze brincadeiras, destas, sete cantadas ou de roda. Entretanto, foram aplicadas dez brincadeiras, sendo seis de roda ou cantada. Cabe ressaltar que das dez aplicadas as mais marcantes para as crianças foram as cantadas, pois na avaliação estas foram as mais citadas. Assim, acreditamos que foram as mais significativas, pois gravavam a música, pensamos que, talvez, isso gere um novo sentido para compreender a brincadeira.

Ademais acreditamos ser importante ressaltar que a Oficina Três foi realizada no pátio e a Quatro na sala de aula. Percebemos que a alteração de espaço influenciou no comportamento das crianças, no que se refere às outras quatro brincadeiras (das dez aplicadas), nestas que tinham uma característica agitada e competitiva as crianças no pátio prestavam atenção e demonstravam um comportamento tranquilo, apesar do grande espaço para correr; já em sala de aula elas estavam agitadas e pouco atentas.

Conforme GROSSI (1990, p. 92):

O ambiente físico da sala de aula e da escola é por si só fator de organização para os alunos. Uma sala de aula com carteiras enfileiradas é um recado eloquente do tipo de relação que se espera ver estabelecida numa classe.

Acreditamos que ao retirar as mesas e as cadeiras da sala alteramos a concepção que elas têm de sala de aula, as crianças não veem o espaço da sala de aula como um local de brincadeira, pois ali estão frequentemente sentadas nas classes. Portanto, consideramos importante propor essa alteração de configuração, mas é necessário que as crianças compreendam que apesar da alteração ali continua sendo um espaço de aprendizagem e que, portanto, devem estar atentas ao que está sendo proposto.

4. CONCLUSÕES

Ao realizarmos as oficinas tivemos a oportunidade de trabalharmos diretamente com os alunos, com suas diferenças, seus conhecimentos e seus desejos. Cada aluno possui suas características, o que torna cada experiência vivida com as turmas única. Tudo isso nos faz repensar na hora de agirmos, planejarmos e aplicarmos nossas atividades, buscando sempre participação, interação e a socialização de todos os componentes do grupo durante o desenvolvimento das oficinas.

A nossa proposta durante as oficinas foi levar aos alunos, diferentes momentos de aprendizagem, procurando, possivelmente, romper com a proposta tradicional com que todos devam permanecer sentados e calados. Nas oficinas tentamos propor momentos criativos e acolhedores em que os alunos pudessem expor suas opiniões, seus saberes, que pudessem brincar, se divertir de maneira lúdica e espontânea referente ao tema proposto. Acreditamos que as oficinas foram momentos de trocas, de interação e de reflexão, isto proporciona transformação na ação docente, assim como nas aprendizagens dos alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIOUF, S. A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GOMES, N. N. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan. /jun. 2003.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização I**: Didática dos níveis pré-silábicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MARTINS, M.C. O Sensível Olhar-Pensante. In: WEFFORT, M.F. et al. **Observação, registro, reflexão**. Instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro v. 13, n. 39, p. 545-554, Set./Dez. 2008.